

folha feminista

Boletim da SOF na luta feminista

junho 2003 nº43

ISSN 1516-8042

editorial

A prostituição absorve milhares de jovens e mulheres e gera enormes benefícios para o crime organizado. A cada ano, milhares de mulheres são traficadas para a prostituição e para a indústria do sexo em todo o mundo. As práticas são extremamente opressivas e incompatíveis com os direitos humanos consagrados universalmente. O mercado sexual é uma forma contemporânea de escravidão e vários indicadores mostram o seu aumento e expansão no século XXI.

Aproximadamente três quartos das mulheres traficadas não sabem que se destinam a clubes de strip, bordéis ou para as ruas, onde são vendidas a compradores ansiosos. A maioria das mulheres procura escapar da pobreza, da violência e da falta de oportunidades mas, uma vez sob o controle de cafetões, são apanhadas pela prostituição por coação e violência física, sexual e econômica.

A prostituição é uma procura de mercado criada por homens que compram e vendem a sexualidade feminina para seu benefício pessoal e seu próprio prazer. As reformas legais deveriam criar soluções para assistir as vítimas e condenar os culpados. O combate contra a regulação da prostituição é, assim, uma luta de todas as mulheres, porque está em causa o reconhecimento do direito da mulher à dignidade. A legalização da prostituição significa que os Estados criam regulamentações que permitem que as mulheres possam ser prostituídas.

Na luta que travamos contra a globalização excludente que assola economias nacionais, reverte direitos e, entre outros males, mercantiliza tudo e todas, está pautado o combate à mercantilização dos corpos das mulheres. Somos mulheres, não mercadorias!

As Sempre vivas



Reprodução Festa da Palavra / 2002

Please, help, legendona, seja criativa e quem sabe fica bem comprida, vamos lá... se estiver inspirada pode meter bronca que duas linhas lica bem bem...

O cruel negócio da prostituição

Por Maria Encarna Sanahuja Yll (Trechos do artigo publicado em Poder e Liberdade)

O mito masculino mantém que a prostituta se vende em um ato livre de disposição do seu corpo, esquecendo que estas mulheres foram impulsionadas à prostituição devido a elementos de ordem social: miséria, desemprego e deficiências do meio familiar: pobreza; por serem abandonadas pelo marido; por serem expulsas do lar por causa de gravidez indesejada; por terem filhos ilegítimos, etc.

Ainda que os nossos reformistas não queiram admitir, a inferioridade social e econômica da mulher é a única responsável pela prostituição. Também cabe

destacar que o desemprego está associado indiscutivelmente à venda do corpo.

As mulheres, devido às características sexuais da sociedade patriarcal, têm o recurso do comércio do seu sexo, em lugar do roubo ou de golpes. Esta é uma razão da menor delinquência entre as mulheres. Mas a prostituição é um negócio de homens. O Estado e a classe dominante – o homem – assentam o seu poder e os seus recursos econômicos sobre a exploração das mulheres. A prostituição, assim como a tortura domiciliar, estupro e o femicídio, constituem um claro expoente do machismo.

continua na página 2

continuação da capa

Nem vocação nem liberdade

A ideologia machista, que afirma que a prostituta vende o seu corpo porque gosta, que se trata de um trabalho vocacional, refletiu em algum setor das prostitutas. À prostituta não causa prazer realizar serviços sexuais que só satisfazem ao homem. Vende seu corpo para poder sobreviver ou obter mais dinheiro. Ignora-se, entretanto, que a maioria das prostitutas não são livres. Nem as pobres, nem as ricas. Tanto as da rua ou as dos bares e clubes como as de luxo que exercem outro tipo de prostituição clandestina, de convite, de agenda, estão controladas por cafetões, que são os principais beneficiários do negócio. As máfias impedem que as mulheres públicas obtenham um benefício individual, pois trata-se de um negócio para homens e não para as mulheres.

A ignorância frente aos fatos reais faz com que ninguém se volte contra a figura do cliente nem do cafetão. Onde se viu que para erradicar uma injustiça se ataque os explorados e não os exploradores? Quem compra é quem tem o poder.

Sobre os clientes

A clientela que procura as prostitutas é heterogênia, entretanto, a classe social a que pertence e suas condições econômicas não mantêm diferenças substanciais na forma como se relacionam com a prostituição. A prostituição é o símbolo mais tangível da ditadura heterossexual da nossa sociedade: o macho impõem o seu desejo em troca de dinheiro. A superioridade econômica lhe permite assegurar os serviços de prostitutas.

Foi dito que a prostituição é o ofício mais antigo do mundo. Isto se encaixa perfeitamente em nossa tese fundamental, a saber, que a mulher é a primeira classe explorada e oprimida pelo homem. Logo, tem seu sexo explorado individualmente ou de forma pública, quando o homem descobre que o comércio do sexo pode lhe beneficiar. Entre os povos primitivos atuais a prostituição é um

fenômeno corrente. No nosso adiantado e progressista mundo capitalista, gigolôs e cafetões, agrupados em clãs e máfias supra-nacionais, enchem os bolsos com a exploração de mulheres escravizadas, sendo impossível para elas saírem do alucinante mundo da prostituição.

O proxenetismo não só está representado pelos gigolôs que vigiam suas mulheres, mas também por todos aqueles que vivem, enriquecem, se aproveitam e engordam às custas das prostitutas. Homens que vendem, compram, espancam, maltratam e até assassinam estas mulheres.

Só a valentia de algumas, fartas de maus tratos e humilhações, permite que conheçamos a extorsão a que são submetidas.

Soluções para a prostituição

A luta organizada das prostitutas nascida na França está dividida em dois ramos fundamentais: a primeira, o setor com menos consciência de classe, mais reacionário, e que tem o visto bom dos proxenetes, defende o trabalho e quer exercê-lo mediante a legalização. As mulheres reclamam a liberdade para vender o seu corpo e a prática da prostituição por vocação.

A outra ala do movimento, com a qual nos sentimos mais próximas, proclamam que a prostituição é degradante e vil, e apresenta um plano de medidas governamentais para reinsertar as prostitutas. Muitas mulheres que estão sem trabalho, sem meios econômicos, são vítimas das máfias e estão obrigadas a prostituírem-se. Estamos mais próximas deste setor porque as mulheres do primeiro ainda não descobriram que devem ser donas de seu corpo. Carmem Alcalde considera que “estas mulheres não entenderam que a sua única alternativa é exigir o direito à cultura, à informação e ao trabalho, por mais explorado e alienado que seja. Assim como os escravos preferiram mudar sua situação de servos corporais pelo trabalho nas minas ou nas fábricas. Assim como hoje seguem preferindo a venda da sua força de trabalho no lugar de vender a sua pessoa a um amo, as mulheres, se realmente querem levar sua revolução sexual

Os métodos indiretos do patriarcado de indução à prostituição são mais sutis do que nunca. Entre eles podemos destacar a comercialização do corpo da mulher apresentada pelos meios de comunicação; e a ausência de uma autêntica igualdade de oportunidades entre os sexos que deixa as mulheres em posição débil e insegura, e dependentes dos homens.

O ofício mais antigos do mundo, expressão machista e sexista, quer dar a entender que a prostituição foi, é e será, ou, o que é o mesmo, que é inata à condição da mulher e imodificável.

Victoria Sau

Dicionário Ideológico Feminista

adiante, deveriam começar por gritar que são seres humanos com a mesma capacidade que os homens para integrar-se ao mundo do trabalho, político, cultural e criativo, monopolizado pela outra metade da população mundial”.

O atroz é que, com a legalização, as máfias, mais ou menos distinguidas, que controlam a prostituição atuarão com maior impunidade. A legalização, que aceita o comércio do corpo da mulher e as relações que com ele estabelece o cliente e a prostituta, não fariam mais do que favorecer este negócio que nutre capitalistas, fascistas e inclusive democratas. Em uma palavra, o movimento feminista não pode tolerar a legalização da escravidão sexual.

Somos partidárias, ainda sabendo que esta solução atenta contra muitos interesses, de adotar medidas adequadas para abolir a prostituição, com a criação de escolas de formação e lugares de trabalho para as prostitutas, penas elevadas para todo tipo de cafetão e multas para os clientes. É necessária uma transformação profunda da sociedade e, sobretudo, à tomada de consciência por parte das mulheres para sermos donas dos nossos corpos e contrárias a qualquer tipo de exploração, incluída a sexual. Com a revolução feminista emergirá uma sociedade onde a prostituição não terá razão de ser.

Desigualdade continua sendo nossa marca

Lançada pelo IBGE agora em junho, a *Síntese de Indicadores Sociais 2002* continua mostrando o que todas já sabiam: o traço mais marcante da sociedade brasileira é a desigualdade. As mulheres ganham menos que os homens em todos os estados brasileiros e em todos os níveis de escolaridade. Elas também se aposentam em menor proporção que os homens e há mais mulheres idosas que não recebem nem aposentadoria nem pensão.

Na questão racial tudo ficar pior. Negros e pardos recebem metade do rendimento de brancos (sobretudo nas regiões metropolitanas de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba). Os homens negros e pardos ganhavam, em 2001, 30% a menos que as mulheres brancas e as mulheres negras, 50% do que recebiam as brancas.

A pobreza é feminina

O levantamento apresenta o perfil da mulher brasileira: escolaridade, média de filhos, ocupação, rendimento, posição nos diferentes tipos de família e situação na Previdência. As diferenças entre homens e mulheres são expressivas: mesmo que ambos tenham a mesma média de anos de estudo, os homens ganham mais que as mulheres.

A população feminina ocupada concentra-se entre os rendimento mais baixos: 71,3% das mulheres que trabalham recebem até 2 salários mínimos, contra 55,1% dos homens. A desigualdade salarial aumenta conforme a remuneração. A proporção de homens que ganham mais de 5 salários mínimos é de 15,5% e das mulheres, 9,2%.

A proporção de mulheres dedicadas aos empregos domésticos (19,2%) e que não recebem remuneração (10,5%) é bem maior do que a dos homens (0,8% e 5,9%, respectivamente). Mais de 70% das ocupadas concentram-se no setor de serviços.

Em 2001, a população ocupada era de 75,4 milhões. Os empregados e trabalhadores por conta-própria eram 47,8% e 22,3%, respectivamente. Desde a década de 1990 verifica-se queda da taxa de ati-

vidade masculina – ainda a maior – e aumento da feminina. Em 2001, a taxa feminina foi de 48,9%, enquanto a masculina caiu um ponto percentual, passando para 72,8%. A taxa de desemprego das mulheres (6,7%) é maior que a dos homens (5,9%).

Mais da metade da população ocupada não tem seguridade social. A taxa de contribuição previdenciária da população ocupada é de 45,7% (homens – 46,1%; mulheres – 45,1%). Entre os 6.174.448 empregados, 61,5% têm carteira de trabalho (mulheres – 65,4%; homens – 59,6%). O percentual de trabalhadores domésticos com carteira assinada aumentou, chegando a 26,1% em 2001.

Mortes e partos

As doenças do aparelho circulatório se **trocar ester inter de lugar!!!! Please.**

Principais tendências demográficas observadas no País em 2001

- Redução do ritmo de crescimento da população.
 - Aumento da proporção de pessoas vivendo em áreas urbanas.
 - Maior proporção de mulheres do que de homens: 94,9 homens para cada 100 mulheres.
 - Diferença entre as expectativas de vida de mulheres e homens: elas vivem em média até os 72,8 anos de idade, 7,8 anos a mais que os homens.
 - Envelhecimento da população: a proporção de pessoas de 60 anos ou mais passou de 7,9% em 1992 para 9,1% em 2001 e estima-se que chegue a 16% em 2030.
 - Redução da fecundidade: a taxa caiu de 2,7 para 2,4 filhos por mulher, de 1992 para 2001. A taxa bruta de natalidade também caiu: em 1992 houve 23 nascimentos por mil habitantes e, em 2001, 20,9 por mil.
 - Queda da mortalidade: em 1992 a razão era de 7,5 óbitos para cada mil habitantes e em 2001, 6,9 por mil.
 - Queda da mortalidade infantil: a participação de óbitos de menores de 1 ano de idade no total de óbitos registrados caiu de 9,7%, em 1992, para 5%, em 2001.
- A íntegra do levantamento está disponível em www.ibge.gov.br.



legenda em várias linhas, pequenas, por favor

Crioulas, a voz e as letras da resistência

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas nasceu em 17 de julho de 2000, como representante de Conceição das Crioulas, comunidade quilombola com cerca de 3.800 habitantes, localizada no Distrito de Salgueiro, sertão pernambucano. A Associação é formada pelas lideranças das dez associações de agricultores e agricultoras da comunidade e é a detentora do título de posse do território de Conceição (16.865 hectares). Entre as lutas da Associação estão a regularização fundiária, educação específica e diferenciada, e desenvolvimento sustentável, a partir das potencialidades e tradições locais, sempre na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola. Trabalho que é desenvolvido pelas mulheres da comunidade.

A publicação "*Crioulas, a voz da resistência*" é fruto do trabalho da Comissão de Comunicação da Associação de Conceição das Crioulas. Todo processo de criação do jornal foi feito a partir da construção coletiva das seções, pautas e ilustrações, além do projeto gráfico. Os artigos são sempre escritos por integrantes da comunidade. O *Crioulas* tem como objetivos estimular a comunicação interna em Conceição, promover o encontro entre as gerações, articular as comunidades quilombolas e dar visibilidade às suas lutas.

A publicação nos foi apresentada quando a SOF participou do II Encontro das Comunidades Quilombolas de Per-



Reprodução
legenda em duas linhas,
por favor em duas linhas

nambuco, em maio deste ano, e que teve como temas Terra, Direitos e Cidadania Quilombolas. O encontro teve como principal objetivo contribuir para o fortalecimento da organização das comunidades quilombolas de Pernambuco, além de possibilitar maior intercâmbio entre as comunidades, identificar problemas comuns, sensibilizar órgãos e autoridades governamentais para promoção de políticas públicas.

O primeiro número do *Crioulas*, com tiragem de dois mil exemplares, trabalha muito bem as fotografias e ilustrações das matérias e dá destaque às discussões sobre educação, geração de renda, tradições quilombolas e a questão da água. Outras informações podem ser obtidas por meio da página eletrônica www.conceicaoascrioulas.com.br.

o que rola

19 de agosto: Dia Nacional do orgulho Lésbico

Há 20 anos, um grupo de lésbicas (Grupo Ação Lésbica Feminista-GALF) que produzia um boletim para mulheres que amam mulheres (ChanacomChana) foi proibido de vender sua publicação em um bar de São Paulo (Ferro's Bar) sustentado pelas lésbicas paulistanas, embora os donos do local permitissem a venda de todo tipo de produto dentro de seu estabelecimento. Em uma das tentativas de venda do boletim no referido bar, o dono chegou a chamar a polícia para retirar as ativistas do GALF do local.

Revoltadas contra essa discriminação, as integrantes do GALF organizaram uma manifestação de protesto na porta do bar, no dia 19 de agosto de 1983, contando com o apoio de militantes homossexuais, feministas, políticos e advogados e ampla cobertura da imprensa. A manifestação culminou com a entrada das ativistas no bar e a promessa dos donos do recinto de não mais proibirem a venda das publicações do grupo.

Esta manifestação foi divulgada pela grande imprensa de São Paulo e chamada pelo

folhafeminista

nº 43 junho de 2003 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Christian Aid.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria

Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)

Projeto Gráfico: Alexandre Bessa

Diagramação: Márcia Helena Ramos

Fotolito: Input

Impressão: RWC Artes Gráficas

Tiragem: 1.500 exemplares

Número avulso: R\$1,50

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros

05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- ?????
- ?????